

A ABELHA

SEMANARIO DE INSTRUCCÃO

SCIENTIFICO, LITTERARIO E RECREATIVO

ALBANO COELHO || PUBLICA-SE AOS DOMINGOS || D. C. SOTTO MAYOR

COLLABORADORES:

Alfredo Campos;—Antonio Fogaça;—Braulio Caldas;—Carlos Braga;—Eugenio de Castro;—Firmiano Pereira;—Hippolyto Maya;—João Penha;—José Santos Dias;—Jayme Filinto;—Miguel Sotto-Mayor (D.);—Pereira Caldas;—Sebastião Pereira da Cunha;—Santos Mello;—Trindade Coelho;—Teixeira Coelho;—Teixeira Lobato;—Vicente Norões, etc., etc.

LAPIDE ROMANA INÉDITA

I.—Em 28 do Agosto findo, achou-se aqui em Braga uma *lapide romana*—entre uns entulhos d'um cano d'esgôto—ao lado da igreja matriz de S. João do Souto, e defronte da *directão geral* das obras publicas do districto.

E' uma *lapide inédita* ainda—e duplamente valiosa, por isso mesmo, para a historia da *epigraphia romana* em Braga.

II—Eis-aquí, *o contexto lapidar* d'esta *columneta emoldurada*, com 0,64 de altura—0,24 de largura central—e 0,29 nas duas bases, tudo em forma regularmente quadrangular, e com *engaste* no cimo para uma divindade:

FROVIDA (e)
SACRVM
MATERNVS
FLACCI
EX VISV
V. S. L. M.

III.—Eis-aquí a lição corrente d'esta *inscripção*, em que formam uma *sigla de ligação*, «na linha terceira, o T e o E de MATERNVS: FROVIDAE. SACRVM. MATERNVS. FLACCI. (*filivis*). EX. VISV. V (*otvm*). S (*olvil*) L (*ibens*). M (*erilo*):

(*Monumento*) consagrado a Frovida: Materno, filho de Flacco—em virtude d'uma visão—de bom grado cumpriu este voto.

IV.—O nome da divindade *Frovida*—claramente gravado na lapide—dá meritos lapidares a esta *columneta inédita*.

E' um *nome ritual* mais, entre os não poucos de divindades *pre-romanas*, de que de dia em dia augmentam a lista os novos achados.

V.—*Lapides votivas*—com a designação EX VOTO expressa—não há quasi dia, em que não appareçam aqui e allí *sobterradas*—alem das conhecidas em geral.

Com a formula EX VISV, não são por aqui

em Braga usuaes as *lapides*—assim como o não são tambem com as formulas EX VOTO SVSCEPTO, EX VOTO PVBLICO, EX RELIGIONE, EX IVSSV NVMINIS, e EX PONTIFICIS IVSSV, alem das formulas EX VOTO SOLVTO, e EX ORACVLO.

Em *Argote* nas *Memorias de Braga*—Tom. I. Num. 381—acha-se a formula epigraphica EX PRAECEPTO, em consagração ao *Deus Evento*.

VI.—Os *Maternos* e os *Maternianos*—assim como os *Flaccos* e os *Flacos*, alem dos *Flaccinos* ainda—são personagens frequentes na *lapidaria romana* da península hispanica.

Nem raras são tambem as *Maternas* tam pouco—embora menos usuaes que os *Maternos* e os *Maternianos*.

Braga, 3 Setembro 1885.

O PROFESSOR DO LYCEU, *Pereira-Caldas*.

SONETO

Hontem, no baile, por fatal desgraça,
Não foi de vinho que fiquei repleto:
Mas d'esse immenso, arrebatado affecto,
Que as almas vence, e os corações enlaça!

Feriu-me, como um raio quando passa
Fere no moate o solitario abeto:
Agora vivo d'esse amor secreto:
Ei-la quebrada a generosa taça!

Foi-se o tempo das sórdidas orgias:
Unido á bella, em marital socêgo
Vão dentro em pouco deslisar meus dias.

Seja a torrente um plácido Mondêgo:
A minha taça—um copo d'aguas frias.
O meu bello—o presunto de Lamêgo!

João Penha.

HISTÓRIA D'AMOR

— Bem me quer, mal me quer, bem me quer, mal me quer, bem me quer... Bem me quer, vês? Então amas-me! Não fazes mais que retribuir o grande amor que te devoto. Crê, Elvira, o amor que sinto por ti é de tal forma extraordinário, que não saberia viver sem ti. E no entanto, vão exportar-me para os bancos da academia, vão separar-nos... Quem sabe, Elvira, se tu me esquecerás...

— Eu? esquecer-te? Oh Alvaro, quanto te diverte o vêr-me soffrer!... Esquecer-tel eu, que só em ti baseio o castellino das minhas esperanças!...

— Então amar-me-has sempre?

— Eternamente, juro-t'o.

— E se te prohibirem de amar-me?

— Ninguem manda no coração, Alvaro. Succeda o que succeder, ser-te-hei fiel. Sou tua e só tua!

×

Esta scena passava-se n'um extremo do jardim da casa dos paes de Elvira, sob uma jasmineira arqueada, onde a viração da tarde vinha modelar canções.

Passados seis mezes, Alvaro recebeu em Lisboa uma carta do seu amigo Guerra, dando-lhe parte do seu casamento proximo, e convidando-o para padrinho. O estudante partiu para a Beira e dirigiu-se a casa do Guerra, que o recebeu de braços abertos.

— Com que então, vaes sacrificar o Cupido nas aras do matrimonio?

— É verdade.

— É a tua noiva? Quem é?

— Vaes vel-a.

E conduziu-o ao jardim.

Sob um docel de madresilvas floridas estava sentada, pensativa, com o rosto encostado à mão esquerda, uma joven formosissima, d'uma formosura melancolica, como uma noite de luar. A seus pes viam-se espalhadas as pequenas petalas de um mal-me-quer há pouco desfolhado.

— E ama-me! pobre Alvaro!—gemia ella ao mesmo tempo que duas perolas se lhe desprendiam do fundo azul do seu olhar tristissimo.

E ergueu a vista para o lado de onde se dirigiam os dous amigos — noivo e padrinho.

Um grito doloroso brotou-lhe da alma. Depois, as suas faces descoraram-se, os seus olhos esgasearam-se, e dos seus labios irrompiam fremeitos de dor.

Alvaro estremeceu, e sentiu que o coração se lhe despedaçava. Vieram buscar Elvira, que foi deposta n'um camapé, onde se lhe prodigalisaram os cuidados requeridos.

Alvaro sentou-se sob o docel de madresilvas, colheu um mal-me-quer, e desfolhou-o cuidadosamente.

— Bem me quer, mal me quer, bem me quer... Bem me quer! Ella ama-me ainda! pobre Elvira! E riu-se.

×

A' noite, a casa do Guerra achava-se festivamente illuminada e embellezada. Estava con-

vidada a fidalguia de dez leguas em redondo para festejar com uma *soirée* estrondosa as vespas do casamento do riquissimo moço.

Dançou-se, cantou-se, recitou-se, houve magnifico serviço; e altas horas, quando a maioria dos pares estava esfaldada com o redemoinho das *valsas* e com os selamalekes das quadrilhas, estabeleceu-se animado cavaco em diferentes grupos.

A baroneza de X... narrava um caso de amor: uma serie de desventuras de um pobre rapaz que amara uma menina, que afinal o trahiou para dar a mão de esposa a um rico titular que a elevou ás eminencias da aristocracia.

— Depois — acrescentava a baroneza — o pobre rapaz, louco de amor, poz fim à sua existencia, desfechando contra si um tiro de pistola, à noitinha, à hora em que a natureza falla de amor...

Alvaro tomou a palavra.

— Louco! — desdenhou elle com asedume — matou-se por causa de uma mulher! Ah! que se eu encontrasse esse desgraçado havia de dizer-lhe: «porque soffres? acabou-se acaso a felicidade porque uma mulher te trahiou? Não sejas creança, pobre visionario! Desce d'esse phantastico ceu do ideal e vem ao realismo, ao puro realismo, procurar o goso, o goso continuo. Ha muitas mulheres. Volve um sorriso, a cada uma, uma promessa a esta, um galanteio aquella, e ludibria-as, ri-te depois do sexo fragil e especulador. Eu tambem assim faço. Entre as numerosas mulheres a quem confessei amor, houve uma que se vendeu a outro homem. E que fiz eu? que faço? Rio-me, rio-me muito, dirijo-lhe ainda amabilidades, se fór necessario, mas desprezo-a e odei-o-al...»

Um grito lancinante echoou n'um dos extremos do salão. Ergueram-se todos para prestar socorro a Elvira que se debatia na dor.

De repente, a donzella soltou uma gargalhada convulsa, horrivel, uma gargalhada de doida.

— Vinguei-me! — bramiu intimamente Alvaro, em tom de victoria.

E depois... chorou, como Pedro quando negou a Jesus.

Albano Coelho.

COGITAÇÃO

I

Não sei, creança loira, o que me faz scismar
A meiga languidez do teu olhar ethereo,
Serêno com a luz dos raios do luar
E triste como a noute escura! — Este mysterio
Não sei, creança loira, o que me faz scismar...

II

Assim igual ao teu — tristissimo, sereno,
Devia ser o olhar do Martyr legendario:
O pallido Jesus, o Christo Nazareno,
Na noute tenebrosa, horrenda, do Calvario,
Devia olhar assim — tristissimo serêno...

Braga

Hippolyto de Vasconcellos Maya.

A TARDE DE UM CÉSAR

(Ao meu parente e amigo João Gomes de Abreu e Lima)

E' dia de festim. No circo Flavianno
A cõrte de Tiberio a lucta anima é inflamma;
O sol dardeja, a prumo, a resplendente chamma,
Como um facho de luz sobre um colosso humano.

E Tiberio sorri, contente, deshumano.
Vendo um tigre a espojar-se em sangue, que derrama,
Ou quando escuta a voz do gladiador que exclama:
«Morrendo, eu te saúdo, imperador romano!»

Sõme-se, agora, o sol. A arena revolvida
De prostrados heroes e de animaes, sem vida,
Arfa, qual rubro mar coberto de sargaços...

E' que, por baixo d'ella, em solidões extranhas,
Da catacumba mãe nas grávidas entranhas
A Cruz germina e estira os seus robustos braços.

Portozello—Vianna.

Sebastião Pereira da Cunha.

UMA VISITA DO DIABO

TRAÇOS DE HISTÓRIA

Não sei se sabem que este snr., quando viaja é sempre incognito. Ha tempos metten-se-lhe em cabeça visitar a cidade dos Arcebispos, e apeiou ali em baixo, na estação do caminho de ferro.

—Que diabos traz você n'esse bahu que tanto pesa?—perguntou-lhe um guarda da camara.

—Não trago diabos: trago roupa, dinheiro e o mais que a você não deve importar—respondeu o diabo escamado.

—O senhor é estrangeiro?—tornou o guarda.

—Acertou.

—Bem me parece. Desculpó-o porque não me conhece.

—Mas faço ideia.

—Sou eu funcionario publico, um dependente da fazenda publica, um representante da auctoridade...

—Publica?—perguntou o diabo com zombaria.

E o empregado disse que sim com a cabeça.

Um outro funcionario resmungou quando o nobre estrangeiro passava por elle:

—Que diabo de perfume exala este tio! Traz microbio, certamente.

E uma senhora, referindo-se a um cego que pedia uma esmola, tocando n'uma sanfona:

—Inspira-me lastima este pobre diabo!

O legitimo nomeado não pôde esconder um movimento de surpresa:

—Não sou tão desconhecido como cria, cá n'esta santa terra! Não ha ninguem que me não invoque! Que grande popularidade que eu tenho!

E tomou lugar no americano, onde o cocheiro gritava por sua vez:

—Ih, ruço! os diabos te levem!...

No americano, o nobre viajante entabolou conversa com dous cavalheiros e uma senhora que ali vinham.

—Venho a esta cidade procurar um modo de vida—disse o diabo.—Põdem indicar-me em que melhor poderei empregar-me?

—Eu sei lá? Isso é o diabo—respondeu um.

—Oh! então assim será difficil?...

—Boa! Isto por cá está levado do diabo—acrescentou outro.

—Levado de todos os diabos!—reforçou a dama.

O diabo perguntou a si mesmo:

—Será caçoada? Todos fallam na minha pessoa!

E dirigindo-se novamente aos companheiros:

—Visto isso, devo renunciar a vida?

—Ora essa! Eu digo-lhe que está tudo levado dos diabos, mas é para quem quizer levar a vida com honra. Mas sem honra, ha muitos meios.

—Quaes?

—Metta-se nas irmandades, por exemplo: que é um mister rendoso... A vida de gatuno é tambem aqui muito boa: rouba-se e folga-se nas barbas da auctoridade... Oh! é magnifica vida. Ou então... arranje a ser sachrista... Olhe que é um emprego d'aqui, (e puchou pela orelha) mais rendoso do que nenhum.

(Continua)

Albano Coelho.

OLHAR!

(A MEU PRIMO, ALBANO COELHO)

Eu conheci-te ainda bem creança.

Tinhas nos olhos a ideal doçura

Das virgens de Muçillo, e a illuminara

D'um diamante em densa e negra trança.

Loiro! bem loiro, o teu cabello! e casta.

Tão casta e linda a cor dos olhos teus.

Que inda hoje mesmo um teu olhar me basta

Para que eu creia cegamente em Deus!

Olhar tão terno e santo, olhar tão dôce

Nunca encontrei a gente até estremece

Vendo-a de perto... assim como se fosse

Uma visão que alli apparecesse!

Pois esse olhar... (se tu soubesses bem

Quanto elle anima um coração já morto!...)

Acaricia mais que o olhar de mãe,

Porque é, enfim, o meu melhor conforto...

Até n'um dia da semana santa.

Ao vêr-lhe o olhar, tão meigo e contristado,

(Aquelle olhar que nos attrahe e encanta...)

Fui prostrar-me a seus pés, allucinado,

Assim como o Roméo de Shakespeare,

N'um extasis d'amor extraordinario!

E' que eu imaginei que ia a sair,

A'quella hora, a Virgem do Calvario...

Teixeira Coelho.

RETRATO

B...

O seus cabellos são bellos,
O seu olhar é divino;
A bocca, cofre de beijos,
Mas um cofre pequenino.

A sua voz é harmonia
Que envolve promessas mil...
O seu sorrir de candura
Parece manhã d'abril.

O seu peito uma açucena
Rociada pela aurora...
—Mas abriga a um coração
Um coração que não chora.

Arthur Soares.

A...

Eu alimento um desejo,
Um desejo criminoso...
E' roubar-te um doce beijo
D'esse labio amoroso.

Tito-Manlio.

CURIOSIDADES

Já ouviram fallar nas sete maravilhas do mundo? Já, com certeza. Até ha pouco eram ellas:

1. As Pyramides do Egypto;
2. Os jardins pensis de Babylonia;
3. As Muralhas de Babylonia;
4. A Estatua de Jupiter Olympico de Phidias;
5. O Colosso de Rhodes;
6. O Templo de Diana em Epheso;
7. O Tumulo de Mausolo, ou o Mausoléu de Artemisia em Halicarnaso.

Agora a cousa muda de figura. Cá no nosso fraco entender, pedimos venia para ante-pôr a estas, as seguintes maravilhas:

- 1—O hotel do *Piolho*, nas Travessas;
- 2—A barraca do José Tem-Tudo;
- 3—A garrafeira do Padre Veiga;
- 4—A agencia *indeterminada* do Lourenço;
- 5—O nariz do sacristão da Misericórdia;
- 6—A corcunda do fadista do Bom Jesus;
- 7—As trôvas do *Flôr da Alexandria*.

CALINADAS

N'um quartel:
—Meu capitão!
—Que é lá, sargento?
—O 64 da 3.ª suicidou-se.
—Applique-lhe 8 dias de detenção.

—Assassinou-se, meu capitão!
—Assassinou-se? maroto! Mais 5 dias de calabouço!
—Matou-se, senhor!
—Ah! matou-se? Então já me podias ter dito isso ha mais tempo.

X

N'um tribunal:
O juiz a um advogado, que depõe como testemunha:
—Meu amigo: esqueça por um momento a sua profissão e diga toda a verdade.

X

Entre mendigos:
—Que pobre sorte a nossa! Conheces alguma cousa mais triste do que um homem sem um pataco?
—Conheço. E' o homem que não tem um vintem.

X

Entre politicos:
—Que lhe parece, compadre, os taes tres imperadores? E' entrevista para aqui, entrevista para acolá... Entrevistas todos os dias! Demonio! tanta entrevista!

Uma menina em soliloquio:
—Só eu não comsigo um momento opportuno!...

X

No confissionario:
—Qual dos tres inimigos da alma o apoquentas mais: o mundo, o diabo ou a carne?
—O diabo, padre, o diabo disfarçado em minha sogra...

CHARADAS

EM VERSO

Pensando ser esta o termo—2
Mais meio dedo, tal qual—1
Vejo agora que ao todo
Lhe falta outra parte igual.

NOVISSIMAS

AO MEU AMIGO ALBANO COELHO

1.ª

Esta proposição, não fazendo mal, felicita 2—1.

2.ª

Animal que corre e homem—3—2.

3.ª

Temos um fructo, em cada refresco. 2—2—1

A. Infante.

Decifração das charadas em verso do numero antecedente:

1—*Pap-el*:—II—*Api-mano*.

EXPEDIENTE

A administração da «Abelha» é na rua Nova de Sousa, 4—Braga.

Assignatura: Em Braga, por mez (4 n.º) 120 reis; Provincias: anno, 1\$300 rs.; semestre, 700; trimestre, 400